

Intervenção de Carlos Almeida, em representação do MPPM, na manifestação de 8 de Dezembro de 2023, em Lisboa

É já insuportável o cinismo, a mais absoluta ausência de empatia com o sofrimento humano dos que, nas televisões, nos explicam diariamente as tecnicidades da carnificina. Esgotou-se a paciência para efabulações sobre guerras quando aquilo a que assistimos é um genocídio. Não se aguenta mais o ridículo dos que, travestidos de jornalistas, repetem sem cessar a propaganda de Israel. Hoje, são mais de 17 mil o número de vítimas mortais registadas e muitas mais estarão sob os escombros dos edifícios arrasados. Muitas famílias simplesmente apagadas da existência. Multiplicamos esta macabra contabilidade e até os números parecem ajudar nesta operação de desumanização dos homens e mulheres que em Gaza, em Jerusalém, na Margem Ocidental, em toda a Palestina, lutam pela sua sobrevivência, minuto a minuto, entre a indiferença geral de governos e responsáveis políticos.

Por isso, hoje, no pouco tempo desta intervenção, quero falar-vos só de gente, de pessoas, de homens mulheres e crianças, concretas e verdadeiras, das suas vidas, dos seus sonhos.

De Lubna Alyaan, a menina de 14 anos, estudante da delegação em Gaza do Conservatório Nacional de Música Edward Saïd que sonhava prosseguir uma carreira de violinista e pereceu num bombardeamento que vitimou mais 45 pessoas da sua família, no dia 21 de Novembro;

De Sreen Elattar, 39 anos, médica obstetra formada na Universidade da Jordânia, em Aman, professora universitária, profissional certificada pela OMS para o desenvolvimento de programas de cuidados neonatais, uma das vítimas, com a sua filha, de um bombardeamento de Israel sobre o campo de refugiados de Bureij:

De Waseem Abdrabou, o menino de 7 anos que cultivava uma paixão pelo xadrez e sonhava ser arquitecto ou engenheiro e correr mundo e que, junto com o pai Husam Abedrabou, engenheiro numa empresa de telecomunicações, sucumbiu ao fim de dias soterrado nos escombros de edifícios bombardeados;

De Muneeb Sarsor, jovem de 31 anos, que geria um restaurante de comida oriental, Kenan, em Gaza, de onde retirava o sustento para a sua família, depois que o pai morrera em ofensivas anteriores, e que tombou vítima das balas do exército de Israel;

De Beirut Mohammad Abu Shamala, de três anos, nascida no mesmo dia da explosão no porto da capital libanesa e por isso baptizada com o nome daquela cidade e que sucumbiu com outros membros da sua família ao bombardeamento da sua casa;

De Doaa, a jovem que, junto com o seu companheiro, fora visitar a família em Gaza e levava com ela os filhos, cidadã luso-palestina e trabalhadora de uma empresa de call-center, que morreu junto com dois dos seus filhos em consequência de um bombardeamento de Israel quando estava identificada para ser evacuada de Gaza e Israel conhecia a sua localização, e de onde apenas se salvou a pequena Nour;

De Heba Kamal Abu Nada, jovem poetisa e novelista de 32 anos, descendente de refugiados que em 1948 foram expulsos da aldeia de Bayt Jirja, escassos 15 km a nordeste de Gaza; formada em nutrição

pela Universidade Al-Azhar, vitimada por um bombardeamento de Israel que destruiu a sua casa, em Khan Younis, no dia 20 de Outubro;

De Refaat Alareer, escritor e professor universitário de literatura comparada, especialista em Shakespeare, co-fundador da organização *We Are Not Numbers* – Nós não somos números – onde a maior parte destas histórias foram recolhidas e que morreu ontem ao início da noite, vítima de um míssil que atingiu a casa da sua irmã onde se refugiara, matando-o a ele, ao seu irmão e à sua irmã e aos quatro filhos.

Vidas destruídas, soterradas sob a barbárie do exército de Israel mas, o que é mais, silenciadas na sua humanidade por uma ordem imperial e mediática que, cem anos passados sobre Balfour, continua a negar a existência, na Palestina, de um povo igual em direitos a todos os outros povos no mundo.

Estamos aqui para lhes prestar a nossa singela, mas muito sentida homenagem e para fazer nossas e elevar bem alto as palavras que Heba Abu Nada deixou escritas num dos seus últimos poemas:

“Se morrermos, saibam que estamos alegres e firmes, e digam ao mundo, em nosso nome, que somos pessoas justas e de verdade”

Por eles. Com eles. Palestina sempre!

Largo José Saramago, 8 de Dezembro de 2023

Carlos Almeida